

EUDRAG

*Allyster Fagundes*¹
*Orlando Maneschy*²

RESUMO

O presente artigo lança o olhar sobre a arte *drag* a partir de um viés autobiográfico onde o autor partindo de suas vivências enquanto artista *drag*, cria o conceito *EuDrag*, para explicar as complexidades e particularidades que constituem tal arte performática. Como um processo intransponível e único que cada artista estabelece baseado em suas referências, influências e visão de mundo. A pesquisa busca entender a *Drag* a partir dos estudos dos arquétipos e do conceito de persona presente na psicologia analítica junguiana para falar sobre gênero, sexualidade e autoaceitação.

Palavras-chave: Arte, performance, *EuDrag*, persona.

1 Doutorando do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará - UFPA, allyster.fagundes@gmail.com;

2 Orientador. Professor do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará - UFPA, orlando.maneschy@gmail.com;

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão sobre o conceito *EuDrag* a partir da pesquisa de mestrado do artista Allyster Fagundes, onde se propõe um mapeamento artístico que busca entender o que é ser *drag* mediante um processo criativo autobiográfico. Que busca materializar o conceito em obras de arte. Em um processo experimental e performático que sinalizou descobertas particulares que tem dimensão coletiva ao debater questões que atravessam um corpo queer na Amazônia Paraense. Ao encontrar na arte o processo de autoconhecimento e autocura.

Em resumo, a pesquisa é sobre um artista queer que cria uma série de obras a partir de suas obsessões. A arte drag e o secular mito da sereia, são pontos de partida para o processo experimental, onde o artista dá dimensão performativa para conteúdos mitológicos. Em um trabalho marcado pela hibridação de linguagens, suportes, meios e materiais.

Pretende-se aqui registrar as reflexões de um pesquisador, acumulador e artista, que durante suas experimentações, encontrou em si próprio o *EuDrag*, ao passo que se permitiu desconstruir a própria autoimagem. Este trabalho evidencia o que é ser *drag* de forma autobiográfica, atrelando teorias ao tema abordado. Onde o autor articula a partir da singularidade e forma, que o artista *drag* expressa seus questionamentos políticos, por meio da *montação*³.

Ser ou estar *drag*, e se perceber desta maneira, é um processo subjetivo e intransponível, nasce de uma vontade pessoal e reflete na exposição dessa essência ao social, mediante uma necessidade artística e/ou a uma construção estético política e performática que busca questionar determinados valores impostos pela sociedade. Ao longo desse processo, o indivíduo cria características únicas ao revelar facetas que se constroem a partir de suas referências, influências, particularidades e visão de mundo.

“O desejo detém papel de destaque na constituição do sujeito. Ele está imbricado nos processos de subjetivação, que tanto se articulam nos agenciamentos coletivos quanto individuais e que vai sendo permeado, bem como atravessa camadas da cultura. [...] Neste fluxo, pot, ncias extremamente férteis se desenvolvem através de estratégias que, ora aqui e ali, conseguem burlar os sistemas estabelecidos e referendados pela norma, passando a articular pelas bordas da cultura dominante.” (MANESCHY, 2004, p. 328).

3 Conjunto de elementos (peruca, maquiagem, figurino...) que ressignificam a autoimagem do performer e ajudam a externar o *EuDrag* (persona *drag*).

Ponto aqui, que busco neste artigo utilizar o termo *drag* sem o acompanhamento da palavra “queen”, por se entender que a *drag* é uma construção que vai além do “queen”, tal fato pode ser evidenciado pela necessidade de criação de outros termos que acompanham o *drag* como *drag king*, *drag queer* e a própria *Drag Themônha*, termo criado na região amazônica.

A própria etimologia da palavra *drag* é norteadada por versões que a justificam, entre elas a mais conhecida é a de que o termo teria sido criado ainda no período Elisabetano (1558 - 1603), “em que mulheres eram proibidas de atuar em palcos públicos e por tal motivo os homens que representavam seus papéis eram designados no roteiro como D.R.A.G (dressed as a girl – vestido de menina). A história é diretamente associada a Shakespeare, um dos principais encenadores da época”.

A ARTE DRAG NA AMAZÔNIA

Segundo a pesquisa intitulada Ekoaooverá (2019) de Juliano Bentes, baseado nos estudos de Santos (1994), a história da “drag” se inicia nesse período e ganha mais força entre o meio do séc XVII até o séc XIX, com a especialização de atores neste determinado tipo de papel de “homens que representam mulheres”. O reconhecimento do público com esses artistas, fez que eles tivessem mais visibilidade e passassem a ter espetáculos solos.

Esse artigo propões uma reflexão teórica e subjetiva de como se dá a existência do *EuDrag*, as similaridades diante dos conceitos de identidade de gênero e funcionalidade de gênero apresentados por Jaqueline Gomes de Jesus, e o fazer artístico *drag*. A discussão teórica envolve a formação da personalidade *drag* correlacionando com a psicologia analítica de Jung e busca compreender o fenômeno da arte *drag* a partir do conceito de “persona”.

É relevante para a compreensão do processo de criação desse estudo, que a partir das vivências elaboradas pelo autor ao longo da pesquisa e de sua vida artística dentro da arte drag, tal fato irá facilitar o entendimento sobre o tema.

Sua primeira *montação* foi realizada para defender seu TCC em 2016, anteriormente a isso suas experiências artísticas em relação a construção estética de um outro “eu”, vinham das vivências de personagens, ainda no teatro, ao qual iniciou em 2011 no projeto de extensão da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, chamado Grupo Teatral Universitário – GTU.

Ao longo da pesquisa, foi fácil perceber uma tendência inevitável de tentar entender a *drag* como um personagem, isso se deve as vivências tidas no teatro e a própria característica de particularidades na construção da *persona drag*. Uma percepção que de fato não é entendido somente por mim, mas por uma gama de

outras pessoas que pude ouvir em relatos sobre a criação de um personagem ao iniciar a sua construção do *EuDrag*.

Eleonora Fabião define esse processo performativo com precisão ao afirmar que as performances nada são senão uma composição de atos que enfatizam a politicidade do corpo mediante seu mundo e suas relações, e que “o próprio corpo performático não para de performar em cena e não cena, é justamente na vibração paradoxal que se cria e se fortalece” (FABIÃO, 2013)

E assim com descrito acima, já tendo o entendimento de ator e hoje fazendo *drag*, o autor consegue perceber que essas duas vertentes artísticas o tocam e ecoam através do seu corpo de maneiras particulares, principalmente por entender que esse fazer artístico não está ligada diretamente ao teatro, pois, mesmo o ator dispendo de mecanismos como a memória emotiva, que é trazer à tona sentimentos verdadeiros ou orgânicos para a atuação, tais sentimentos e como expressa-lo serão direcionados pela dramaturgia ou pelo diretor de modo a moldar o sujeito. O processo experienciado na prática *drag*, envolve as questões mais performáticas mediante a construção de uma existência da *drag* enquanto sujeito.

A exemplo, ser ou estar *drag* é compreendido pelo autor como uma de suas máscaras sociais, que segundo a psicologia analítica de Carl Gustav Jung é definido pelo conceito de persona, arquétipo que conjuntamente com outros formam a nossa personalidade, e estão ligadas à nossa existência psíquica, mas especificamente ao nosso inconsciente coletivo, assim expõe:

“Uma existência psíquica só pode ser reconhecida pela presença de conteúdos capazes de serem conscientizados. Só podemos falar, portanto, de um inconsciente na medida em que comprovamos os seus conteúdos. Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os *complexos de tonalidade emocional*, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados *arquétipos*.” (JUNG, 2000, p. 16)

Sua primeira montagem tem uma conotação crucial para compreender amplamente o papel subjetivo de como essa arte se coloca. Ao perceber que sempre esteve condicionado socialmente a esconder ou reprimir sua feminilidade, e tal ato passou a ser uma forma de se colocar no mundo sem restrições e pressões sociais. Ser *drag* atualmente é entendido pelo autor como um processo de autoconhecimento e entendimento sobre si mesmo.

Jung (2000) ao longo dos seus estudos fundamentou o arquétipo da sombra como um espaço onde características que fazem parte da personalidade do indivíduo e não são bem aceitas pela sociedade acabam sendo retraídas ou escondidas,

para um lugar de fundamental importância que o permite existir; a persona *drag* ou o *EuDrag* tomou esse espaço. O que era reprimido acabou se tornando uma força que hoje o motiva e reverbera.

De forma simples a persona *drag* ou o *EuDrag* pode ser definir como um eu alterado em um espaço extravagante ao qual pode ser explorado a própria feminilidade do corpo. Assim como um *clow*⁴ que se permite vivenciar o eu alterado em um espaço ridículo.

“O encontro consigo mesmo significa, antes de mais nada, o encontro com a própria sombra. A sombra é, no entanto, um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exigüidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo. Mas para sabermos quem somos, temos de conhecer-nos a nós mesmos, porque o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de incertezas inauditas, aparentemente sem dentro nem fora, sem em cima, nem embaixo, sem um aqui ou um lá, sem meu nem teu, sem bem, nem mal.” (JUNG, 2000, p. 31 - 32).

A *drag* é um fazer artístico estigmatizado socialmente. E por falta de entendimento a *drag* acaba sendo confundida com pessoas trans, travestis ou garotas de programa.

Na cartilha Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos, desenvolvida pela estudiosa Jaqueline Gomes de Jesus (2012), é uma forma prática de entendermos primeiramente alguns termos que irão facilitar a compreensão do texto e entender melhor a existência do *EuDrag*. Ela apresenta dois conceitos: identidade de gênero e funcionalidade de gênero, segundo tal estudo, a *identidade* de gênero diz respeito ao gênero que o indivíduo se identifica na sociedade, a exemplo disso podemos citar as pessoas transgêneras, já a *funcionalidade* de gênero diz respeito ao gênero que é performatizado, nestes se enquadram *drag queen*, *drag king*, *drag queer* e transformista.

A *drag queen* é a performatização do gênero feminino, *drag king* a performatização do gênero masculino, *drag queer* a performatização de uma ausência de gênero e a transformista é uma nomenclatura que se equivale a *drag queen*, no entanto era muito usada quando o termo *drag queen*, que deriva do inglês, não era reconhecido (usado) no Brasil.

“Artistas que fazem uso de feminilidade estereotipada e exacerbada em suas apresentações são conhecidos como drag queens (sendo mulheres fantasiadas como homens, são drag kings). O termo mais

4 Palhaço

antigo, usado no Brasil para tratá-los, é o de artistas transformistas. Drag queens/king são transformistas vivenciam a inversão do gênero como espetáculo, não como identidade. Aproximam-se dos crossdressers pela funcionalidade do que fazem, e não das travestis e transexuais pela identidade.” (Jesus, 2012. p. 10).

Para além das classificações feitas pela cartilha de Jesus (2012) se torna importante pontuar que na região amazônica, mais especificamente na capital paraense, existe a *Drag Themônha*, termo mutável com diversos significados que vão da desconstrução e despadronização de uma autoimagem do *drag*, até o sentimento de pertencimento a determinado grupo ou meio que se identificam desta maneira.

“Ironizamos o termo Demônio, resignificando a definição reducionista para a Themonia que se expande, multiplica e ao exaltar também as nossas condições invisibilizadas, geramos profundo estranhamento nas pessoas.” (Sarita, 2020. p9)

Segundo Bentes (2020), mestre em artes, em seu projeto de pesquisa aborda com coesão a *drag themônia* e localiza o surgimento do termo em decorrência ao movimento Noite Suja, “que alimentou a cena *drag* local e criou uma grande comunidade que se autodenomina *drag Themonia*”. Tal movimento iniciou em 2013 por Maruzo Costa e Matheus Aguiar com a proposta de criar uma noite de festa feita de *drags* onde a *montação* seria livre de arquétipos, Bentes (2020).

“Themonia escrita com “th” é um estranhamento a palavra demônio que tenta resumir tudo aquilo que é ruim e que deve ser proibido pela moral judaico-cristã, e com isso, o sentido da themonização que para nós é sinônimo de qualidade, como resposta a demonização da nossa existência, cultura e ancestralidade.” (SARITA, 2020. p. 9)

São corpos políticos que através da linguagem performática se expressam e reivindicam seu direito a cidade. Corpos endemonizados que transgredem as normas e extrapolam o convencional do que é ser uma *drag*. Corpos que através de artifícios, artefatos e artimanhas se lançam para além das margens da sociedade e ao mesmo tempo, questionam padrões estéticos.

“O que chamamos aqui de dispositivo CORPO THEMÔNIO é um conjunto de agenciamentos por dentro dos quais estão em disputa e negociação normas, hierarquias, imaginários e desejos de um grupo de pessoas que atuam na cena drag de Belém do Pará. O CORPO THEMÔNIO refere-se não apenas ao modo de se montar das Themônias,

mas a todo o processo pelo qual elas se constituem como *themônias*, incluindo-se as instâncias normativas. Tratasse não de um objeto corpo, mas de uma relação, uma disputa por espaços, modos de estar, afetividades.” (LATIF, 2020. p. 58).

Se trata de um grupo de artistas que inicialmente se denominavam em sua maioria como *drag* queens, com o passar do tempo essa rede de afeto entre pessoas que se reconhecem como iguais, começou a questionar práticas e padrões tidos como fundamentais e legitimadores da arte *drag* queen. Tais questionamentos foram o motivo pelo qual houve a necessidade de criar um termo específico que contemplasse as singularidades e características dos artistas performáticos dessa região.

Entender a *drag* como parte de mim, tem um peso no meu processo artístico ao ponto de não me sentir representado por outro nome, mesmo quando me proponho a existir enquanto *drag*, percebo que ainda é o Allyster, com os mesmos anseios, com os mesmos questionamentos e levantando as mesmas pautas. Mesmo alterado em um espaço extravagante.

ARTEFATO E ARTIFÍCIO

Flusser em suas palestras durante a 18ª Bienal de S. Paulo, se dedica a discorrer sobre os termos artifícios, artefatos e artimanha. Ao qual definiu “artifício” como “fazer deliberado”, “artefato” como “feito deliberado”. E artimanha sinônimo de “dolo, ardil, fraudulento”, porém, toma a sério o sufixo “manha” e define “artimanha como “artifício manhoso”, ou “fazer deliberadamente manhoso”.

Ao discorrer sobre essa terminologia, posso fazer um paralelo a construção da própria *drag*, que se utiliza de diversos artifícios como perucas, maquiagens, enchimentos, entre outros, para dar forma a criação estética imaginada pelo indivíduo.

Com o objetivo de ilustrar melhor o conceito, deixo a seguir tal pensamento discorrido pelo autor como forma de citação:

“Artifício” é o jeito pelo qual homens fazem. É isso que distingue o homem de provavelmente todos os demais bichos. Por exemplo da aranha. Ao tecer sua teia, a aranha segue método que não se modificou no decorrer dos últimos milhões de anos. Segue ela método geneticamente determinado. Quanto a nós, nossos métodos mudam. São técnicas. Fazer no nosso caso, é agir sobre o mundo objetivo para alterá-lo. Ir contra o mundo, ser sujeito dos objetos. Pois os objetos resistem. Obrigam-nos a procurar sempre novos caminhos, (meta-odós= seguir caminho), mundo adentro. A nossa

técnica não é determinada geneticamente, mas o é pela resistência que o mundo objetivo nos oferece. Somos bichos artífices, homines fabri. Bichos a mudar de técnica, a fazer artifícios.” (FLUSSER, 2000, p. 1)

Artefato é um importante conceito apresentado por Flusser, aqui se busca identificar e classificar o mesmo como toda construção artística que está em construção no ciberespaço. Esse termo é apresentado pelo autor da seguinte forma:

“Artefato” não mais significa “obra”, e passa a significar “estratégia de jogo”. “A vida enquanto artefato” não significa, pois, “objetos animados artificiais”, mas significa “vida deliberadamente jogata”. (FLUSSER, 2000)

No que tange a “Artimanha”, segundo o autor, é justamente uma estratégia humana, não necessariamente um caminho “fraudulento” para se chegar a um lugar ou conseguir algo. Utilizo esse termo aqui afim de melhor explicar a existência do *EuDrag* no ciberespaço, sendo utilizada como uma forma para ampliar meu alcance a outras pessoas no espaço virtual, além do território amazônico, o qual existo enquanto *drag*.

Ainda segundo Flusser, o homem sempre busca artifícios para se modificar e dar sentido a sua vida, seja pela arte ou qualquer outro meio, como ele mesmo relata em sua palestra O Homem Enquanto Artificio: “Ser homem, (artífice), é alterar os objetos com técnicas sempre outras, afim de alterar-se a si próprio”.

Assim como acontece no decorrer da relação que se constrói enquanto indivíduo com a arte *drag*. Isto é, a utilização de técnicas para alterar minha autoimagem contribui para um processo que acaba por alterar a mim próprio, e me faz ver sentido na vida. Relação essa bem mais presente no ciberespaço, visto que utilizo cada vez mais artimanhas ou estratégias importantes para se chegar a um lugar ou conseguir algo, e por entender que tal existência é um registro de toda uma construção artística que está sendo instaurada nesse novo momento, além de contribuir para romper as fronteiras do próprio lugar de pertencimento e dialogar com outras pessoas de outros lugares que se permitem existir em um espaço virtual. O mundo evolui e a arte se adapta aos novos meios e a novas formas de existir.

Podemos identificar o processo de ampliação (que promove a arte *drag*) no ciberespaço como uma ferramenta eficiente de democratização do fazer artístico que tanto foi rechaçado socialmente. Assim, possibilitamos uma nova maneira de se colocar no mundo por meio do fazer artístico, como também uma nova forma

de promover debates e discussões sobre gênero, machismo, racismo, homofobia e a própria marginalização e desvalorização da *drag* enquanto arte. Flusser expõe:

“as três palestras tratam, cada qual de um ponto de vista diferente, da emergência lenta e poderosa de tal consciência nova. A primeira teve por tema os novos artifícios como o são os robôs e as inteligências artificiais, e a conseqüente artificialização do pensar e do agir humano. A segunda teve por tema os artefatos animados, o conseqüentemente a artificialização da vida, do amor e da morte. Esta terceira teve por tema a transformação das estratégias e das artimanhas, empregadas na produção, na transmissão e no armazenamento de informações, e a conseqüente síntese de todas as atividades culturais para um nível novo. Mas, no fundo todas as três palestras tratam de um único tema: Da arte do futuro iminente.” (FLUSSER, 2000).

O existir *drag* no ciberespaço e todos os seus mecanismos, ferramentas e métodos, é um importante passo para poder-se projetar e alcançar outras pessoas de forma eficiente, além de onde se existe enquanto artista performático.

Tal mecanismo, além de um importante meio de divulgação, é também uma forma de registrar toda construção de um processo criativo que se permite existir não apenas na objetividade do momento em que se performatiza o gênero. Ser *drag* no século XXI é romper as fronteiras do seu próprio lugar de pertencimento e dialogar com outras pessoas de outros lugares que se permitem existir em um espaço virtual. O mundo evolui e a arte se adapta aos novos meios e a novas formas de existir.

Além disso, pode ser usado como uma importante plataforma política para se levantar pautas sociais relevantes para as “minorias”. De todo modo, o Ciberespaço igualmente pode ser usada para fins hegemônicos, a exemplo disso a eleição presidencial dos EUA de 2016, que ganhou projeção devido escândalo envolvendo a empresa de consultoria política Cambridge Analytica, por usar dados de 50 milhões de usuários do facebook para manipular a opinião pública e ajudar eleger Donal Trump.⁵

Segundo a Cambridge Analytica, os dados eram obtidos através de um aplicativo que acessava as informações dos usuários e de sua rede de amigos no facebook. A empresa de consultoria política fazia uso do teste de personalidade “Big Five” para avaliar traços da personalidade dos indivíduos, e assim, o algoritmo disseminava informações conforme os perfis psicológicos dos usuários, com o intuito de manipular o eleitor.

5 <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43705839>

No entanto, a arte utilizada de maneira eficiente no espaço virtual é um ponto de reflexão que possibilita diversos questionamentos e causa impactos sobre a vida dos indivíduos que entram em contato com a mesma.

PERSONA E A PRIMEIRA MONTAÇÃO

A arte *drag*, assim como qualquer tipo de manifestação ou expressão artística, é influenciada pelos aspectos pessoais do indivíduo que a produz, e também pelas características culturais do meio em que a mesma está sendo produzida. Minha primeira montagem foi um momento marcante no percurso traçado enquanto *drag*, talvez por ter sido um dia antes do meu aniversário (16/12/2016), durante a apresentação do meu TCC. A ideia inicial era homenagear meu objeto de estudo e levar uma nova experiência para banca avaliadora do meu projeto, porém algo não esperado de modo consciente aconteceu.

Durante toda pesquisa nenhuma experiência havia me tocado tão profundamente como o instante que vi diante do espelho montado pela primeira vez, aquele momento me fez acionar um lugar desconhecido dentro de mim, que com o passar do tempo passei a chamar de *EuDrag*, ou minha *persona drag*.

O termo “persona” apresentado por Carl Gustav Jung, passou a ser adotado na pesquisa para identificar ou mesmo explicar (definir) o *EuDrag*, justamente por entender que a *drag* dentro do meu processo pessoal não é concebida como um personagem teatral, onde se busca um distanciamento do eu, para dar vida a uma identidade fictícia que está presa a uma dramaturgia, e normalmente tem um início, meio e fim. O *EuDrag* rompe esse espaço limitado pela dramaturgia, não se prende a um início meio e fim. Além de (ser moldada / acionar) trabalhar diretamente com as personalidades, medos, desejos e anseios.

“A narrativa sobre si incide, sobretudo, na noção de pessoa construída culturalmente: uma pessoa culturalmente constituída é ela mesma objeto, também, de modelos convencionados pela cultura de se ter acesso a estas narrativas sobre si que veiculam os acontecimentos a uma história sociocultural” (GONÇALVES, 2012. p. 21)

Vejo esse primeiro contato com o meu *EuDrag* como um momento de reflexão, não apenas sobre o percurso que tracei durante a pesquisa, mas também por me fazer pensar sobre determinadas posturas e valores tidos e reafirmados diariamente na sociedade que acabam oprimindo ou invisibilizando pessoas LGBTQIA+ como eu.

Me entender como um artista LGBTQIA+, que sente necessidade de pautar em meus processos artístico questões ligadas aos meus “iguais”, me fez entender que minha produção artística está ligada ao campo de estranhamento e complexidade que é a arte queer. Ainda assim, julgo relevante a reflexão de Matheus dos Santos sobre o tema “Pensar em uma Arte *Queer* no contexto brasileiro exige um esforço de deslocamento do termo e o questionamento das reais potências de tal categorização”(SANTOS, 2016)

“Seria talvez, para muitos, um paradoxo afirmar que exista uma arte queer em si mesma justamente pelas dificuldades e fluidez que a própria categoria queer sugere, escapando de fáceis definições estritas, sinalizando a recusa em cristalizar certas identidades sexuais e de gênero em termos binários”. (FERREIRA, 2016. p 217)

Mais do que isso, entender como meu fazer artístico realizado no contexto periférico da Amazônia paraense reflete sobre binarismo de gênero, performatividade de gênero e outras questões ligadas ao meio LGBTQIA+, ao mesmo tempo que questiono os processos de legitimação da própria arte. Ler um artista como queer é complexo justamente por que o queer não se limita a um conjunto de obras ou artistas. Como afirma Matheus dos Santos:

“O *queer* surge nas fraturas nos sistemas e nos gestos que atentam contra o normal. A adesão a linhagens canônicas seria um erro na medida em que produziríamos outra vez hierarquias e graus de importância, criando novamente um centro legítimo e suas margens não-autorizadas. Pensar as artes brasileiras através de uma perspectiva *queer* não significa, portanto, o mesmo que pensar em uma Arte *Queer* Nacional, pois isso conduziria à produção de nichos que serviriam apenas ao mercado e às transações financeiras no campo das artes.” (SANTOS, 2016. p 1)

Minha expressão artística surgiu da necessidade de me colocar socialmente como um corpo político e performático por meio da linguagem *drag*. Os conceitos que crio, mesmo ligados a uma construção estética, me ajudam a entender e solidificar meu processo criativo e minha autoimagem em termos conceituais.

Tais construções são como pontos de partidas e novas possibilidades de expressar sonhos, desejos e angústias, através da arte. Não apenas isso, mas também refletir, teorizar e registrar processos artísticos na academia.

Entender minhas individualidades na montagem é o sinalizador das particularidades do meu *EuDrag*, e a forma como ressignifico simbolicamente a feminilidade

do meu corpo por meio da arte. Através de acessórios, maquiagem, perucas e roupas usadas que garimpo em brechós.

Penso se tratar de um despertar que só foi possível graças ao entendimento deste processo, como também pela capacidade de atribuir significado as características particulares que inevitavelmente acabaram reverberando o trabalho artístico.

O conceito visual criado, ou mesmo identificado como estilo de vestir o meu *EuDrag* (Mermaid Vintage Queen), foi utilizado como ponto de partida para compor e definir a estética usada na direção de arte dos vídeos performances desta pesquisa.

O entendimento sobre o *EuDrag* é uma contribuição ao pensamento queer na Amazônia, por pautar assuntos pessoais a partir de uma construção autobiográfica, que não se desprende da dimensão coletiva ao usar os arquétipos e a psicologia analítica de Carl Gustav Jung como base da reflexão. Partindo da arte *drag* como um conceito aberto que abarca inúmeras definições e possibilidades, se iniciou o mapeamento e entendimento do processo pessoal do artista *drag* como algo intransponível e único na definição do conceito *EuDrag*, que entende cada processo como um universo particular provido de suas próprias influências, referências, potências, dificuldades e formas de expressão.

O texto propõe uma reflexão sobre a arte *drag* a partir do estudo de Carl Gustav Jung, e nos leva ao entendimento de tal construção artística próxima da definição de persona, arquétipo presente na estrutura psíquica proposta pelo autor. A obra reflete sobre a *drag* como a alteração do próprio *Eu*, e faz um paralelo ao que Jung define de máscara social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as diversas definições arquetípicas presentes no inconsciente coletivo, esse trabalho foca em dois arquétipos específicos, a persona e a sombra. Ambos podem ser entendidos como opostos complementares. Enquanto a persona é aquilo que mostramos para o outro, a sombra é justamente os aspectos da personalidade que escondemos. O trabalho sinaliza a possibilidade futura de aprofundamento no estudo dos arquétipos como forma de entender outros aspectos no mapeamento sobre o *EuDrag* e, conseqüentemente, os atravessamentos que perpassam um corpo *queer*.

Esse texto se propõe a refletir sobre a arte *drag* a partir de dois arquétipos. A persona é a sombra. Porém a psicologia analítica é um campo vasto que nos possibilita diversas percepções do *Eu*, a partir dos estudos da mente humana,

tanto no aspecto consciente quanto inconsciente. Por isso este trabalho é o início de um estudo ainda mais complexo que alia a psicologia analítica aos processos artísticos. Assim, o trabalho é uma importante contribuição ao pensamento queer na Amazônia, por pautar assuntos pessoais a partir de uma construção autobiográfica, que não se desprende da dimensão coletiva ao falar sobre questões diretamente ligadas a vivência LGBTQIAPN+.

REFERÊNCIAS

COLLING, Leandro. **Teoria Queer**. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B2a3UynNKV2CNjFwOE1td3VENUU/edit>> Acesso em 28 de junho de 2019.

FABIÃO, Eleonora. **Programa performativo: O corpo-em-experiência. Revista do Lume, 2013.**

Ferreira, G. B. (2016). **Arte Queer' no Brasil? Relações raciais e não-binarismos de gênero e sexualidades em expressões artísticas em contextos sociais brasileiros.** *Urdimento - Revista De Estudos Em Artes Cênicas*, 2(27), 206-227. <https://doi.org/10.5965/1414573102272016206>

FLUSSER, Vilém. **18º Bial de São Paulo. Artificio, artefato, artimanha.** (Documento datilografado). Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/wp-content/uploads/2016/11/flusser-artif%23U00edcio-artefato-artimanha_new.pdf. Acesso em: 18 de julho de 2019.

GONÇALVES, Marco Antonio. **Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens.** Etnobiografia: subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro 2012. Disponível em: > https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5644184/mod_resource/content/1/M%20A%20Gonc%CC%A7alves%20Etnobiografia_subjetivacao_e_etnografia.pdf Acesso em: 18 de janeiro de 2021

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos** Brasília, 2012. Disponível em: <https://issuu.com/jaquelinejesus/docs/orienta__es_popula__o_trans> acesso em 16 de julho, 2019.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente coletivo.** [tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Petrópolis, Rj: Vozes, 2000.

LATIF, Larissa. **Poéticas insurgentes e micropolítica na Amazônia brasileira: a cena aberrante das Drags Themônias.** Performatividades de gênero na democracia ameaçada. Disponível em: < https://ria.ua.pt/bitstream/10773/29823/3/VII_CIEC_2020_pt.pdf > acessado em 13 de janeiro, 2021.

MANESCHY, Orlando. Imagens incorporadas – identidade, corpo e imagem. In: LOPES, Denilson [et al.]. **Imagem e Diversidade Sexual – Estudos da Homocultura.** São Paulo: Nojosa edições, 2004

SARITA, **Desconstrução Permanente.** Revista THEMONIA, 1ª edição, 2020. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1xLq19HLR2ZQeDebBCCS7a2sIB2H-OZAMw/view>>